

## **MEMÓRIA NOS PARÂMETROS CURRICULARES**

Zilda Kessel é educadora e formadora do Museu da Pessoa é especializada em Museologia, com mestrado em Ciência da Informação.

[www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br](http://www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br)

### **Introdução**

A escola é uma das instituições sociais comprometidas com a transmissão de uma memória reconhecida como necessária a todos para viver em sociedade. Ao contrário das outras instituições de memória, o seu acervo não é palpável ou consultável. Ele é dinâmico, está em movimento e é fruto de várias escolhas e embates entre grupos: quais os conhecimentos válidos que devem ser recuperados, organizados e lembrados por todos.

Os currículos escolares são a face mais visível da intervenção do Estado na Educação. É por meio deles que se definem sentidos, conteúdos, práticas e finalidades. Como afirma a historiadora Katia Abud " *Os currículos são responsáveis, em grande parte, pela formação e pelo conceito de História de todos os cidadãos alfabetizados, estabelecendo, em cooperação com a mídia, a existência de um discurso histórico dominante, que formará a consciência e a memória coletiva da sociedade.*" Como escolha os currículos contribuem para que algumas passagens sejam lembradas e outras apagadas, para que a ação de certos grupos e indivíduos integrem a memória de todos e a própria existência de outros grupos sequer seja mencionada.

### **Um pouco de História**

É sobretudo nos currículos oficiais de História que encontramos menções explícitas sobre a memória social, aquilo que deve ser ensinado e privilegiado como constituinte da memória da nação. A disciplina História nasce em 1837, com o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. O currículo era definido a partir das orientações do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IHGB, responsável

por formular a genealogia nacional. A formação da nacionalidade era a grande questão do momento e a escola tinha por objetivo formar o herdeiro dessa evolução para liderá-la. A História do Brasil é escrita e ensinada na escola como o resultado da contribuição do negro, do branco e do índio, que forjaram uma raça mestiça, sem qualquer conflito. O índio, destacado o seu heroísmo, era tratado como povo extinto; o negro, como 'mercadoria produtora de outras mercadorias' cuja contribuição étnica vinha sendo diluída pela miscigenação. Finalmente, ao branco era atribuída a contribuição pela transmissão da cultura europeia passada a todos através da língua e da catequese, experiências consideradas altamente positivas. O fio condutor é o processo civilizatório e o grande objetivo é a construção de um sentimento de identidade nacional do cidadão patriota.

Nas décadas que se seguiram manteve-se esta visão da História como genealogia da nação, instrumento para o desenvolvimento do patriotismo e do sentimento nacional, cuja unidade repousa sobre os pilares das unidades étnica, administrativa, territorial e cultural. A História, ensinada como uma sucessão de feitos patrióticos era associada ainda aos ritos comemorativos, laudatórios dos heróis da pátria.

A partir dos anos 60 do século XX, há um sistemático esvaziamento da disciplina de História, fruto da adequação do ensino à demanda industrial pela rápida profissionalização. Diminui a carga horária e aprende-se uma História fatural e cronológica, sem problematização ou aprofundamento. Esta característica se preserva durante o regime militar que funde as disciplinas de História, Geografia nos Estudos Sociais, tirando-lhes *"seus métodos próprios de produção de conhecimento, excluindo do ensino as possibilidades de crítica à realidade brasileira"*. Para garantir o controle dos conteúdos e apoiar o trabalho de uma massa profissional com formação deficiente e com menor experiência, assistiu-se à expansão da indústria do livro didático. Manteve-se a tradição do ensino como transmissão de seqüências cronológicas e fatuais e a eliminação de conteúdos e figuras consideradas perigosas ao estado ditatorial.

As propostas nos diferentes estados mantiveram a escola como instituição reprodutora que prepara cidadãos para a manutenção do status quo. Neste contexto, não há qualquer espaço para a memória de pequenos grupos, das comunidades escolares, de professores ou alunos. O compromisso com a homogeneização bane da escola qualquer valorização da memória.

A década de 80, já sob um ambiente de redemocratização, assiste ao surgimento de movimentos de reorganização e reivindicação por parte de instituições escolares e associações de professores o que incluiu discussões e lutas por mudanças nos currículos. A escola viu mudar a sua clientela, agora caracterizada pela grande diversidade de origens, experiências culturais e situação econômica dos alunos. Na área de História, esses movimentos se caracterizam pela tentativa de romper com os conteúdos previamente definidos nos livros didáticos, que desconsideram experiências locais e que eram definidos por grupos no poder, externos à escola. Com variações de local para local, e não sem embates, os movimentos têm como marca mais geral tornar professores e alunos sujeitos de processos de aprendizagem, contextualizar saberes históricos, desenvolver o espírito crítico, o respeito e a valorização das experiências culturais diversas, tornando a História, enfim, um instrumento privilegiado de compreensão e ação sobre a realidade em que os sujeitos estão inseridos. As propostas curriculares são influenciada pelas novas tendências historiográficas com foco nos novos temas e novos problemas:

*Houve questionamentos significativos, por parte dos historiadores, relativos aos agentes condutores da história — indivíduos e classes sociais —, sobre os povos nos quais os estudos históricos devem se concentrar, sobre as fontes documentais que devem ou podem ser usadas nas pesquisas e quais as ordenações temporais que devem ou podem prevalecer. (PCNs - História, p.25)*

Em várias delas já é possível identificar elementos de valorização da memória, da história cultural, social e do cotidiano à medida que esses

elementos passam a ser considerados necessários à compreensão de processos e conceitos do fazer histórico, numa visão contemporânea. Ao conteúdo histórico simplesmente transmitido pelo professor vieram se contrapor as tendências pedagógicas denominadas, grosso modo, de construtivistas que atribuem ao educando o papel de participante ativo de sua aprendizagem. Para a área de História isto se traduz na importância de valorizar o papel do aluno como construtor de sua história. A memória passa a ter, nesse cenário, ao menos como princípio, o espaço que lhe foi negado anteriormente.

## **A memória e os Parâmetros Curriculares Nacionais**

### **Memória e ensino de História**

Em meados dos anos 90, o Ministério da Educação retoma a discussão acerca das propostas curriculares para o país. Para tanto, reuniu profissionais da Educação, especialistas das diferentes áreas e ciclos a quem foi atribuída a responsabilidade de formular as bases curriculares para a educação brasileira. O resultado desse trabalho se materializou nos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em 1997. Nesse documento podemos encontrar explicitamente o pensamento vigente acerca do que deve ser a Educação no país e, em detalhe, os conceitos norteadores acerca da memória e da História. Nele a memória ganha um lugar de destaque como veremos a seguir. Selecionamos alguns trechos que explicitam esta importância:

Em primeiro lugar é importante frisar que os Parâmetros não se configuram numa proposta curricular fechada a ser seguida por todos. Eles são referenciais para

*"a renovação e reelaboração da proposta curricular, reforçam a importância de que cada escola formule seu projeto educacional, compartilhado por toda a equipe, para que a melhoria da qualidade da educação resulte da coresponsabilidade entre todos os educadores. (...) Por sua natureza aberta, configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e*

*locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional (...) Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo" (PCNs introdução, p.7, 10).*

Dentre os conceitos norteadores presentes nos PCNs destacamos, em primeiro lugar, o papel da Educação e especificamente do ensino da História na construção da identidade individual e social. Este conceito nos é fundamental já que identidade e memória têm uma estreita relação, conforme os estudos de M. Pollak.

A construção da identidade social assim como a valorização da pluralidade sociocultural, processos em que a memória tem um papel importante, têm destaque nos PCNs e aparecem já nos objetivos do Ensino Fundamental:

*"conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;*

*"conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais; (PCNs, Ensino Fundamental, Objetivos, p5)*

E especificamente no Ensino de História:

*"O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais.(...) Para a sociedade brasileira atual, a questão da identidade tem se tornado um tema de dimensões abrangentes, uma vez que se vive um*

*extenso processo migratório que tem desarticulado formas tradicionais de relações sociais e culturais. Nesse processo migratório, a perda da identidade tem apresentado situações alarmantes, desestruturando relações historicamente estabelecidas, desagregando valores cujo alcance ainda não se pode avaliar. Dentro dessa perspectiva, o ensino de História tende a desempenhar um papel mais relevante na formação da cidadania, envolvendo a reflexão sobre a atuação do indivíduo em suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades e sua participação no coletivo.(PCNs História 1ª a 4ª p.26).*

A inclusão da constituição da identidade social deve contribuir para o aluno

*"situar a relação entre o particular e o geral, quer se trate do indivíduo, sua ação e seu papel na sua localidade e cultura, quer se trate das relações entre a localidade específica, a sociedade nacional e o mundo, (...) construir noções de diferenças e de semelhanças. Nesse aspecto, é importante a compreensão do "eu" e a percepção do "outro", do estranho, que se apresenta como alguém diferente. Para existir a compreensão do "outro", os estudos devem permitir a identificação das diferenças no próprio grupo de convívio, considerando os jovens e os velhos, os homens e as mulheres, as crianças e os adultos, e o "outro" exterior, o "forasteiro", aquele que vive em outro local. Para existir a compreensão do "nós", é importante a identificação de elementos culturais comuns no grupo local e comum a toda a população nacional e, ainda, a percepção de que outros grupos e povos, próximos ou distantes no tempo e no espaço, constróem modos de vida diferenciados. O trabalho com identidade envolve um terceiro aspecto: a construção de noções de continuidade e de permanência. É fundamental a percepção de que o "eu" e o "nós" são distintos de "outros" de outros tempos, que viviam, compreendiam o mundo, trabalhavam, vestiam-se e se relacionavam de outra maneira. Ao mesmo tempo, é importante a compreensão de que o "outro" é, simultaneamente, o "antepassado", aquele que legou uma história e um mundo específico para ser*

*vivido e transformado. O conhecimento do "outro" possibilita, especialmente, aumentar o conhecimento do estudante sobre si mesmo, à medida que conhece outras formas de viver, as diferentes histórias vividas pelas diversas culturas, de tempos e espaços diferentes. Conhecer o "outro" e o "nós" significa comparar situações e estabelecer relações e, nesse processo comparativo e relacional, o conhecimento do aluno sobre si mesmo, sobre seu grupo, sobre sua região e seu país aumenta consideravelmente.(PCNs História - 1a a 4a p.27).*

Esse conceito se aprofunda nos Parâmetros de História para o 3º e 4º ciclos (5ª à 8ª série) onde está explícito que se deve

*"possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com problemáticas históricas inerentes ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial. Uma das escolhas pedagógicas possíveis, nessa linha, é o trabalho favorecendo a construção, pelo aluno, de noções de diferença, semelhança, transformação e permanência. Essas são noções que auxiliam na identificação e na distinção do "eu", do "outro" e do "nós" no tempo; das práticas e valores particulares de indivíduos ou grupos e dos valores que são coletivos em uma Época; dos consensos e/ou conflitos entre indivíduos e entre grupos em sua cultura e em outras culturas; dos elementos próprios deste tempo e dos específicos de outros tempos históricos; das continuidades e discontinuidades das práticas e das relações humanas no tempo; e da diversidade ou aproximação entre essas práticas e relações em um mesmo espaço ou nos espaços." (PCNs História- 5ª a 8ª p.35).*

Esses conhecimentos trazem uma possibilidade de ação na prática.

*"Na medida em que o ensino de História lhe possibilita construir noções, ocorrem mudanças no seu modo de entender a si mesmo, os outros, as relações sociais e a História. Os novos domínios cognitivos do aluno podem*

*interferir, de certo modo, nas suas relações pessoais e sociais e nos seus compromissos e afetividades com as classes, os grupos sociais, as culturas, os valores e as gerações do passado e do futuro."(PCNs História- 5a a 8a p.35).*

Além da identidade, há nos Parâmetros uma forte ênfase na questão dos sujeitos históricos. Num contexto em que a História é a sucessão dos atos heróicos de grandes vultos, como nas propostas tradicionais, a memória de indivíduos comuns e de grupos menos favorecidos não tem valor. Porém ao colocar como objetivo da Educação a construção de sujeitos históricos, valorizando o papel de cada na construção da história de todos, possibilita que a memória também possa ser um instrumento para esta construção:

*"O sujeito histórico pode ser entendido, por sua vez, como sendo os agentes de ação social, que se tornam significativos para estudos históricos escolhidos com fins didáticos, sendo eles indivíduos, grupos ou classes sociais. Podem ser, assim, todos aqueles que, localizados em contextos históricos, exprimem suas especificidades e características (...). Podem ser trabalhadores, patrões, escravos, reis, camponeses, políticos, prisioneiros, crianças, mulheres, religiosos, velhos, partidos políticos, etc. .(PCNs História - p.29).*

Encontramos também nos Parâmetros indicações interessantes quanto aos métodos de pesquisa históricos transpostos para o trabalho pedagógico:

*A transposição dos métodos de pesquisa da História para o ensino de História propicia situações pedagógicas privilegiadas para o desenvolvimento de capacidades intelectuais autônomas do estudante na leitura de obras humanas, do presente e do passado. (...)Assim, os estudos da história dos grupos de convívio e nas suas relações com outros grupos e com a sociedade nacional, considerando vivências nos diferentes níveis da vida coletiva (sociais, econômicas, políticas, culturais, artísticas, religiosas), exigem métodos específicos, considerando a faixa etária e as condições sociais e culturais dos alunos. (PCNs História - p.31)*

Ganha destaque o trabalho com relatos orais, um meio privilegiado para o trabalho com a memória individual e coletiva:

*As diferenças sociais e econômicas da população brasileira acarretaram formas diversas de registros históricos. Assim, há um grande número de pessoas que não fazem uso da escrita, tanto porque não tiveram acesso a processos formais de alfabetização como porque pertencem a culturas ágrafas, como no caso de populações indígenas. Nesse sentido, o trabalho pedagógico requer estudo de novos materiais (relatos orais, imagens, objetos, danças, músicas, narrativas), que devem se transformar em instrumentos de construção do saber histórico escolar. (PCNs História - p.31).*

E ainda percebe-se a valorização do trabalho com a história local e do momento presente:

*Ao se recuperar esses materiais, que são fontes potenciais para construção de uma história local parcialmente desconhecida, desvalorizada, esquecida ou omitida, o saber histórico escolar desempenha um outro papel na vida local, sem significar que se pretende fazer do aluno um "pequeno historiador" capaz de escrever monografias, mas um observador atento das realidades do seu entorno, capaz de estabelecer relações, comparações e relativizando sua atuação no tempo e espaço. A escolha metodológica representa a possibilidade de orientar trabalhos com a realidade presente, relacionando-a e comparando-a com momentos significativos do passado. (PCNs História - p.31).*

A escolha pelos conteúdos locais assim se justifica:

*As informações históricas locais relevantes a serem selecionadas expressam, assim, a intencionalidade de fornecer aos alunos a formação de um repertório intelectual e cultural, para que possam estabelecer identidades e diferenças com outros indivíduos e com grupos sociais presentes na realidade vivida — no*

*âmbito familiar, no convívio da escola, nas atividades de lazer, nas relações econômicas, políticas, artísticas, religiosas, sociais e culturais. E, simultaneamente, permitir a introdução dos alunos na compreensão das diversas formas de relações sociais e a perspectiva de que as histórias individuais se integram e fazem parte do que se denomina História nacional e de outros lugares. Os conteúdos propostos estão constituídos, assim, a partir da história do cotidiano da criança (o seu tempo e o seu espaço), integrada a um contexto mais amplo, que inclui os contextos históricos. Os conteúdos foram escolhidos a partir do tempo presente no qual existem materialidades e mentalidades que denunciam a presença de outros tempos, outros modos de vida sobreviventes do passado, outros costumes e outras modalidades de organização social, que continuam, de alguma forma, presentes na vida das pessoas e da coletividade. Os conteúdos foram escolhidos, ainda, a partir da idéia de que conhecer as muitas histórias, de outros tempos, relacionadas ao espaço em que vivem, e de outros espaços, possibilita aos alunos compreenderem a si mesmos e a vida coletiva de que fazem parte. (PCNs História - p.35).*

Colocados os objetivos e os eixos para o ensino de História, que comentamos acima, são apresentados nos Parâmetros, os conteúdos e objetivos para cada ciclo. Para conhecê-los sugerimos a leitura do documento integral.

### **Memória e os Temas Transversais**

Além das referências à memória que selecionamos nos Parâmetros curriculares da área de História, encontramos também nos Temas Transversais referência e possibilidades para o trabalho com a memória.

Os Temas Transversais integram os Parâmetros Curriculares, não como áreas novas, mas como elementos a serem incorporados e articulados às áreas já existentes. Demandam uma articulação transversal na medida em que a sua

complexidade impede o tratamento dentro de uma disciplina específica, ao mesmo tempo que têm relações com todas elas. Têm como compromisso maior a educação para a cidadania. Respondem à demanda por uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental. São temas cuja compreensão e discussão são urgentes para a sociedade brasileira contemporânea e que devem ter na escola um espaço que garanta a sua compreensão e a construção de ações que contribuam para promover a cidadania e a superação da desigualdade social.

Os Temas Transversais foram escolhidos em função de sua urgência social, sua abrangência nacional, a possibilidade de ensino e aprendizagem no ensino fundamental, a possibilidade de favorecer a compreensão da realidade e a participação social. São eles Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual. Dentre eles Ética e Pluralidade Cultural reúnem referências interessantes para o trabalho com memória. Alguns trechos estão comentados a seguir. Na abordagem do tema Ética, que diz respeito às condutas humanas, está colocada a preocupação com a justiça a igualdade e à equidade. Para a construção dos conceitos e das atitudes orienta-se o trabalho em vários eixos, dentre os quais respeito mútuo e diálogo.

Um segundo tema que se relaciona com a valorização da memória e das diferentes trajetórias de vida de pessoas e de grupos é o da Pluralidade Cultural que assim se justifica:

*Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como por imigrantes de diferentes países. Além disso, as migrações colocam em contato grupos diferenciados. Sabe-se que as regiões brasileiras têm características culturais bastante diversas e a convivência entre grupos diferenciados nos planos social e cultural muitas vezes é marcada pelo preconceito e pela discriminação. O grande*

*desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural. (PCNs-Temas Transversais - Introdução, p.28).*

A diversidade cultural está na própria escola, espaço que reúne integrantes de diferentes origens, embora muitas vezes esta diversidade é silenciada ou minimizada.

O acolhimento do Tema na escola e a oportunidade de dar voz aos diferentes grupos se configura numa rica oportunidade de conhecimento e aprendizagem:

*Acrescenta-se a essa evidente complexidade o fato de que muitos grupos humanos, de que trata o tema Pluralidade Cultural, têm produzido um saber rico e profundo acerca de si mesmos, particularmente no âmbito de movimentos sociais e de suas organizações comunitárias. Assim, abre-se à escola a possibilidade de empreender, em seu cotidiano, uma reflexão que integra, de maneira ímpar, teoria e prática, reflexão e ação. (PCNs- Temas Transversais, Pluralidade Cultural, p.29)*

O documento apresenta ainda orientações acerca dos diferentes conteúdos que podem ser abordados. Todos eles, seja origem dos povos, trajetórias e contribuições culturais das diferentes etnias que formaram o país, conhecimento das diferentes formações familiares, movimentos migratórios e suas contribuições para o Brasil, pressupõe necessariamente a valorização da memória e da trajetória destes grupos. Além disso, orienta a construção e a utilização de fontes orais, o que propicia o encontro, o conhecimento e a valorização da memória individual e coletiva dos grupos estudados:

- *Preparação de roteiros, levantamento e escolha de fontes diversas para entrevistas, depoimentos, observações, pesquisas, etc., e sua efetivação.*
- *Reprodução de instrumentos, técnicas, objetos e formas de representação de diferentes culturas para analisar e compreender suas estruturas e funcionamentos*
- *Uso de textos escritos e orais e representações gráficas (narrativas, reportagens, pesquisas, objetos, fotos, ilustrações, maquetes, desenhos, etc.), tanto para busca de informações (levantamento, seleção, observação, comparação, interpretação) quanto para registro e comunicação de dados (anotação, reprodução, discussão, reinterpretação) .(PCNs -Temas Transversais, p.61).*

Considera o encontro e o intercâmbio entre pessoas: crianças, adultos, idosos, professores, profissionais de outras instituições elemento fundamental para a construção do Tema:

*É importante que o sujeito acerca de quem se fala possa contribuir na construção dos conhecimentos referentes à Pluralidade Cultural, e sua voz se faça ouvir. Oferecer meios para que exista um rico intercâmbio entre diferentes escolas e localidades é um aspecto central nesse trabalho, pois propicia que a criança seja agente e produtora de informação acerca de si, sua organização sociofamiliar, seu meio ambiente, a organização sociopolítica da localidade onde mora, do grupo etnocultural ao qual pertence.*

*A possibilidade de colocar-se deve se dar na própria sala de aula. Partilhar ocasiões de intercâmbio com os colegas, ter iniciativa de trazer objetos ou depoimentos gravados que possam ilustrar um conteúdo estudado ou iniciar uma proposta de atividade são exemplos de como se processa a aprendizagem de um intercâmbio intencional. (PCNs -Temas Transversais, p.68).*

Nesse intercâmbio, abre-se a possibilidade de garantir o espaço para o conhecimento e a valorização da memória e da experiência dos diferentes

agentes sociais, incluindo-se as crianças e as comunidades escolares, que se tornam agentes e produtoras de informação.

Ainda que o fato de se constituir como orientação não significa se realizar como prática, podemos reconhecer nos trechos apresentados um ambiente não somente propício e também demandas claras pelo trabalho com memória na escola.

## **Bibliografia**

ABUD, K. Currículos de História e Políticas Públicas: os programas de História do Brasil na Escola Secundária. In: BITTENCOURT, C. (org.) O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

KENSKI, V. M. Memória e Prática docente In: BRANDÃO, C. R. (org.). As Faces da Memória. Campinas: Centro de Memória – UNICAMP, s.d.

KESSEL, Zilda - A construção da memória na Escola: um estudo sobre as relações entre Memória, História e Informação na contemporaneidade, (Mestrado) ECA/USP, 2003.

LENSKIJ, T. e HELFER, N. A memória e o Ensino de História. Santa Cruz do Sul: Edunisc e Anpuh, 2000.

MINISTÉRIO da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Fundamental, 1a à 4a séries e 5a à 8a séries, História, 1997.

POLLAK, M. Memória e identidade social. Estudos Históricos, v. 5, n.10, Rio de Janeiro CP/DOC FGV, 1992.

SILVA, T. T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SMOLKA, A. L. B. Linguagem e conhecimento na sala de aula: modos de inscrição das práticas cotidianas na memória coletiva e individual. ENCONTRO SOBRE LINGUAGEM, CULTURA E COGNIÇÃO. Anais do Encontro sobre Linguagem, Cultura e Cognição. Belo Horizonte: UFMG/FE-UNICAMP, março de 1997.